

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**5 e 13 de Dezembro de 2023**  
**DJIBRIL DIOP MAMBÉTY – CAVALGAR O VENTO**

**CONTRAS' CITY / 1969**

*Argumento:* Djibril Diop Mambéty / *Diretor de fotografia (35 mm, cor):* Georges Brachem / *Música:* Djimbo Kouyate / *Montagem:* Jean Bernard, Boris Marino Rio / *Som:* Dovidis.

*Produção:* Kankourama (Dakar) / *Cópia:* da Cinemateca de Bolonha, dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em inglês e eletrônicas em português / *Duração:* 23 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

**BADOU BOY / 1970**

*Argumento:* Djibril Diop Mambéty / *Diretor de fotografia (35 mm, cor):* Baidy Sow / *Música:* Lalo Dramé, Christophe Colomb / *Montagem:* Andrée Blanchard / *Som:* Grégoire Cabou (captação), Silvestre Castellani (sonorização) / *Interpretação:* Lamine Ba, All Demby Ciss, Christophe Colomb, Aziz Diop Mambéty, Diara Djimbo, Moustapha Touré, Momar Thian, Arsy Dieng, Anta N'Doye, Yoni Gueye, Banand, Gaby Diallo, Djibril Diop Mambéty, Langouste.

*Produção:* Djibril Diop Mambéty para Kankourama (Dakar) / *Cópia:* da Cinemateca de Bolonha, dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em inglês e eletrônicas em português / *Duração:* 60 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Cartago, Outubro de 1970; apresentado no Festival de Cannes (Quinzena dos Realizadores) em Maio de 1971 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

*Filmes de Djibril Diop Mambéty*

\*\*\*\*\*

Este programa permite-nos assistir ao nascimento de um grande cineasta e é formado por dois filmes perfeitamente complementares: um mostra uma cidade, o outro mostra alguns dos seus habitantes. A complementaridade entre os dois filmes é tão perfeita que juntos perfazem a duração normal de uma sessão de cinema, cerca de noventa minutos. É preciso assinalar que em 1965, com a ajuda do diretor do Centro Cultural Francês de Dakar, Djibril Diop Mambéty realizou uma primeira versão a preto e branco e muda de **Badou Boy**, que nunca teve difusão pública, nem foi incluído nas suas filmografias, de modo que **Contras' City** pode ser considerado como o seu filme de estreia.

**Contras' City** é literalmente um filme sobre Dakar, a cidade de Djibril Diop (é desta maneira abreviada que ele assina o filme), a *cidade de contrastes* evocada pelo título destes vinte minutos de cinema. Como todo o cinema de Mambéty, esta curta-metragem nada tem de vociferante, é discretamente irónica. Sobretudo, nada tem de didática, é desprovida de uma narração em *off* que guie e doutrine o espectador. Todo o filme está contido na simples descrição do que é mostrado. A abertura, que instala o tom irónico que predomina do início ao fim, parodia os filmes franceses de propaganda turística, com fanfarras que evocam uma festa real, enquanto vemos edifícios de arquitetura tipicamente francesa, construídos durante o longo período colonial e ouvimos um diálogo em *off* entre um casal de franceses: “*Oh, ma douce France!*”, exclama a mulher diante daqueles edifícios com telhados em imitação de ardósia. Entra então em cena uma carroça, puxada por um cavalo ao lado do qual caminha o carroceiro e que transporta o casal de franceses cujo diálogo acabámos de ouvir, acompanhados por um guia senegalês. É provável que a presença desta carroça seja uma cruel alfinetada a **Barret Sarret** (1963), o filme de estreia de Ousmane Sembène, primeiro filme de ficção realizado em África por um africano, que mostra um carroceiro que entra por inadvertência na parte europeia de Dakar, interdita às carroças, e vê confiscado o seu instrumento de trabalho. A carroça do filme de Djibril Diop Mambéty circula livremente, como se não fosse necessário pedir licença a ninguém, o que estabelece uma distância irónica com o aspecto demonstrativo do filme de Sembène, cineasta do qual Mambéty é a antítese absoluta.

O filme leva-nos por variadas partes de Dakar, com algumas imagens dos ricos bairros de escritórios, seguidas de incursões pelos bairros populares, entre os quais aquele em que nasceu e foi criado o realizador. Este mostra pessoas que exercem na rua ou em pequenas lojas variados ofícios (barbeiro, alfaiate), pontuando estas imagens com o diálogo do casal de franceses, que são por vezes de um racismo elementar, outras de uma ingenuidade que roça pela burrice. Nesta cidade de contrastes, vemos um trecho de *Macbeth* com atores negros e a fachada do Teatro Daniel Sorano, onde Djibril Mambéty fez o papel de Banquo e vemos logo a seguir um retrato de Dalida, estrela da canção francesa (as vedetas da canção francesa eram bem conhecidas no Senegal e muitas apresentaram-se lá); ouvimos em *off* o discurso de algum político sobre o acesso da mulher à cultura e vemos algumas senegalesas comprarem revistas francesas sobre vedetas de cinema e fotonovelas: vemos fiéis rezarem diante de uma mesquita numa sexta-feira e a saída da missa de domingo da catedral católica da cidade, com um *raccord* visual entre o minarete e o campanário e um *raccord* sonoro entre o chamado do muezim e o repicar dos sinos. Os aspectos mais evidentes da relação de poder do colonizador com o colonizado são exemplificados como quem não quer a coisa, pela presença de um posto de gasolina da Total, poderoso grupo petroquímico francês e um velhíssimo modelo de autocarro parisiense, que foi despachado para o Senegal, ainda com o seu itinerário parisiense afixado no interior, o que é uma maneira irónica de aludir a certos aspectos da “cooperação” económica pós-colonial, mas também oferece ao filme um breve momento lúdico. No desenlace, como num filme cómico, a *sarret* guiada pelo carroceiro senegalês, que já se fartara de esperar, afasta-se, livre dos franceses.

Este filme não exemplifica apenas algumas das qualidades mais evidentes do cinema de Djibril Diop Mambéty, o humor, a fantasia, a recusa em demonstrar e a vontade de mostrar, por outras palavras, a mistura de sutileza e agudeza que marca a sua obra. Nas palavras do crítico Sada Nang, **Contras' City** “é um bilhete-postal dedicado à variedade dos elementos arquiteturais, humanos, espaciais que existem lado a lado na cidade. É um hino à diferença”. Dakar, esta cidade de contrastes, será o cenário de todos os filmes de Djibril Diop Mambéty. **Contras' City** é o ponto de partida, o núcleo a partir do qual se desenvolverá todo o seu trabalho, como é demonstrado pelo seu filme seguinte, **Badou Boy**, cujos protagonistas são a cidade de Dakar e um dos seus jovens habitantes. Depois de mostrar em **Contras' City** muito da variada cidade que foi o cenário da sua vida e das suas fantasias, o cineasta voltar-se-á para aqueles que, como ele, a habitam.

Ampliando o território formal de **Contras' City**, **Badou Boy** nada tem de uma experiência: trata-se de uma afirmação. Caracterizado pela liberdade de invenção e a riqueza formal que definem o cinema de Mambéty, é ao mesmo tempo fantasioso e estruturado e também urbano, dacarense, longe das “caixas” em que era inserido o então jovem cinema africano. Também é um filme que corresponde em muito à experiência de vida do próprio realizador nas suas andanças pela sua cidade natal e ele observou que “aquele gavroche se parece muito comigo”.

O filme tem dois personagens principais - o rapaz das ruas e o polícia - e dois personagens anexos, o cego e o comissário de polícia, este último nunca visto, presente apenas pela sua voz em *off*, numa representação ferina do poder político, que se exerce à distância (trata-se da voz do próprio Mambéty, num tom paródico). Todos são englobados pelo cenário/personagem que é a cidade de Dakar, com os seus sons, cores, homens, mulheres e crianças. Com a sua narrativa não linear, o filme é um périplo através de diversas partes, pobres e ricas, da capital senegalesa (começa no bairro pobre onde nasceu o realizador e chega ao fim no centro da capital, passando da Dakar de Mambéty à Dakar de todos), com breves escalas em que vemos figuras captadas na rua. O périplo narrativo nunca chega verdadeiramente a termo, vai continuar depois da palavra *fim*, com os seus dois protagonistas sempre em movimento. De facto, **Badou Boy** não tem verdadeiramente uma estrutura circular: não termina como começa, nunca termina. O jogo às escondidas entre o polícia e o rapaz das ruas aproxima o filme da escola burlesca americana (Sennett, Chaplin, Keaton, Laurel e Hardy), o que foi provavelmente deliberado. São numerosos os ecos desta escola no filme, entre os quais um personagem de janota com chapéu-coco e guarda-chuva, transposição de Charlot na

pele de um senegalês “disfarçado” de europeu, encarnado pelo próprio Djibril Diop Mambéty na sequência do autocarro, toda ela tratada de modo algo burlesco. Há diversos outros elementos no filme, gerais e particulares, que ecoam aquelas obras-primas da *arte muda*: o humor físico, com o clássico tema do cinema burlesco que é a perseguição; o momento em que o rapaz finge que vai amparar uma vizinha e tenta roubar-lhe a carteira e o não menos clássico gag do bofetão destinado a uma pessoa que se esquiva e vai atingir outra (naturalmente o polícia); o próprio personagem do polícia, burro e incompetente, é uma versão dacarense dos anos sessenta de um Keystone Cop de algum filme de Mack Sennet; no plano final, Badou afasta-se rumo ao horizonte, ao longo de um muro, temporariamente são e salvo, com a *kora*, o instrumento musical do cego, às costas, como um longínquo parente africano de Chaplin a afastar-se por uma estrada, com rumo incerto. E além de certas passagens musicais e do tema do protagonista solitário, há alguns elementos visuais que aludem ao género cinematográfico clássico preferido de Mambéty, o western. O tema da perseguição não é um elemento central apenas no cinema burlesco, também é-o no western. A dada altura Badou Boy, em fuga, salta sobre um cavalo à maneira de um cowboy de cinema, sem usar os estribos e põe-se a galopar ao som de uma música de western e, quando o cavalo abrandar, a câmara mostra o seu rosto contra o céu, entre plantas espinhosas, como cactos numa paisagem de western; logo a seguir o cavalo é atrelado a uma carroça, na qual Badou e um companheiro são perseguidos por um carro, como uma diligência que tenta fugir a um grupo de bandidos num western, acompanhados por uma música típica do género. A absorção destes elementos temáticos e estilísticos do cinema burlesco e do western é um sinal do humor e da fina ironia que caracterizam o africaníssimo cinema de Djibril Diop Mambéty.

A banda sonora - quase toda composta por música e sons de rua, com escassíssimos diálogos - excepcionalmente densa e rica, fruto de um enorme trabalho, tem um peso decisivo na estrutura e no ritmo narrativo. Neste filme literalmente de poucas palavras, em que os personagens comunicam sobretudo por gestos e olhares, Mambéty joga de modo magistral com o som e o sentido das palavras: os diálogos entre os personagens são raros e gravados em *off*, deliberadamente sem pós-sincronização, ao passo que na sequência de abertura toda a fala do senhorio que vem infernizar o rapaz é composta por sons sem sentido específico, um simples blá-blá-blá, como num filme de animação. O francês impecavelmente europeu do comissário de polícia e do locutor da rádio demonstram que o poder também se exerce pela palavra. Além de usar de mais de um nível da palavra (som e sentido), Djibril Diop Mambéty utiliza variados tipos de música: de westerns, diversas músicas africanas, bossa-nova. Neste filme rapsódico a música faz intrinsecamente parte das sequências, nunca é aposta a passagens desprovidas de ritmo narrativo, como é o caso no cinema académico. Para Djibril Diop Mambéty, a banda sonora é um todo: *“Não escolho a música, escolho o som. Todo movimento é acompanhado por um sentido. Gosto muito do vento. O vento é música, assim como a música é vento. Tento fazer com que a imagem illustre o movimento. O vento, como a música, é a respiração do movimento e da vida. Tem a ver com a estimulação: das imagens faço a música, da música faço o som. Mas o som não é um elemento externo para enfeitar o filme. É intrínseco ao filme, amplia a ação.”*

Além de realizador, Djibril Diop Mambéty foi produtor desta sua longa-metragem de estreia (premiado no Festival de Cartago) como o fora de **Contra's City** e voltaria a sê-lo, três anos depois, de **Touki Bouki**, sem nenhuma participação financeira francesa, contrariamente ao que era regra no cinema das ex-colónias. Isto lhe deu sem dúvida alguma mais liberdade, sem tolher a alta qualidade dos seus filmes. Na sua concepção do trabalho, *“tudo tem de ser perfeito, mas o que significa perfeito? Significa que uma coisa é bem comunicada. Não significa enfeitada com maquilhagem. Significa dito com clareza. O essencial é a comunicação. Sou totalmente favorável à qualidade das coisas - à qualidade total. Para um africano educado, nada autoriza a mediocridade.”*

Antonio Rodrigues